Aula 4

PERSPECTIVAS NEOPLATÔNICAS DA LITERATURA

META

Mostrar a continuidade da concepção platônica ao longo das teorias literárias e sua influência até os nossos dias.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

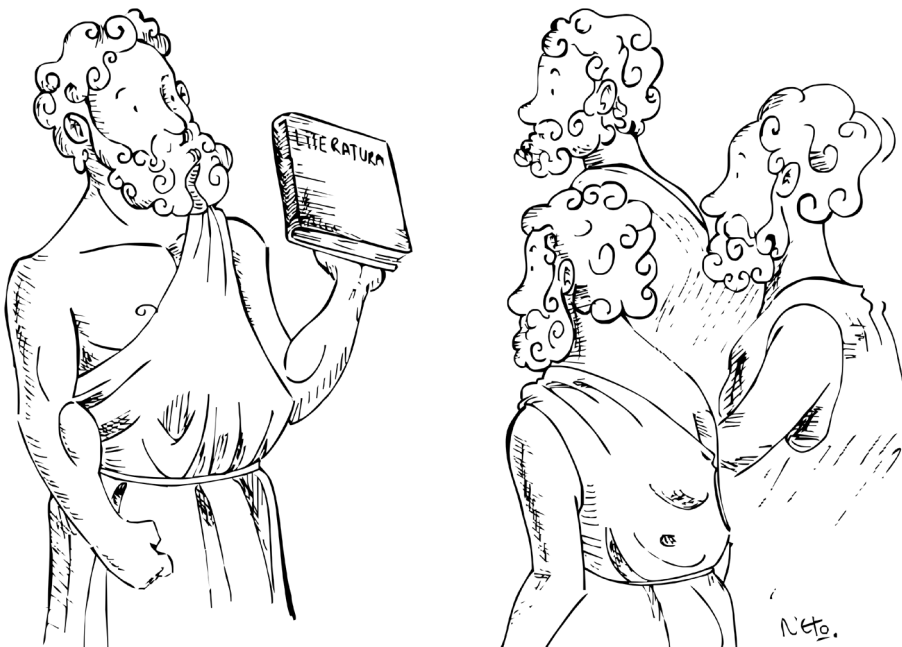
- Listar os aspectos linguisticos em que se baseavam as pesquisas do retóricos alexandrinos;
- Identificar a concepção didática de Horácio e seus desdobramentos para o social;
- Distinguir os traços estilísticos que deveriam conter o texto literário, segundo a concepção de Longino.

PRÉ-REQUISITOS

A aula 3, que corresponde às ideias de Platão sobre a literatura.

Antonio Cardoso Filho

INTRODUÇÃO

Caro aluno, acabamos de ver que o ponto de vista de Platão sobre a literatura é exclusivamente utilitário. Se tal possi-bilidade estiver excluída, é a literatura que é refutada. Essa visão pragmática teve vários adeptos e não será incorreto dizer que ainda hoje encontramos quem a defenda. Mas vamos tomar o tempo próximo a Platão, para ver desde lá alguns dos defensores de sua tese. Esses são os chamados seguidores de Platão, aqueles que deram continuidade ao seu pensamento. Vários foram esses nomes, mas alguns tiveram mais destaque porque legaram uma concepção de literatura que trazia idéias não explícitas em Platão, embora os fundamentos fossem os mesmos. A título de exemplo, podemos citar os helenistas-alexandrinos, Horácio, Longino, Sainte-Beuve, Hipólito Taine, entre vários outros.

RETÓRICOS ALEXANDRINOS

Esses estudiosos às vezes são chamados de **helenistas-alexandrinos**, e essa denominação se deve ao seguinte: o nome "helenista" indica a região da Hélade (Grécia antiga). Historicamente o termo é empregado para indicar o tempo que vai da morte de Alexandre, no século IV a.C., até a conquista da Grécia pelos romanos no século II a.C., portanto, compreende um período de dois séculos.

Ver glossário no final da Aula

Em seus empreendimentos de conquista e de expansão, Alexandre fundou duas cidades que vieram a se destacar na pesquisa: Pérgamo e Alexandria. De modo geral, podemos dizer que os helenistas-alexandrinos não trouxeram grandes contribuições para a literatura, mas seus pesquisadores ajudaram – através do trabalho voltado para a linguagem – na recuperação e no aprimoramento de textos mais antigos. Tratava-se de uma preocupação filológica com o texto. O aspecto verbal era o que atraía o interesse deles, de modo que muito antes de os pensadores do século XIX chamarem a atenção para a palavra e para a frase como segmento básico dos estudos de literatura, os teóricos alexandrinos já o tinham feito. Podemos dizer então que em Alexandria tais estudos estavam dedicados à gramática e à retórica. Esses pesquisadores, que também eram leitores, editores e comentadores dos escritores antigos como Homero (séc. VIII a. C.), Hesíodo (séc. VIII a. C.), Píndaro (522 a. C. - 438 a. C.), de modo geral, faziam uma revisão dos textos, quer na parte gramatical, quer na recuperação da sua originalidade, livrando-os de acréscimos e de outras interferências que foram sofrendo ao longo do tempo. Porém, é verdade que os alexandrinos deram uma maior contribuição aos textos dos poetas que tiveram sua obra publicada em Alexandria do que aos textos de Homero que foram organizados antes do período alexandrino.

Em Pérgamo, atual Bergama, na Turquia, o interesse dos pesquisadores ia além da gramática. Eles investigavam os textos, preocupando-se também com aspectos literários, artísticos e filosóficos, trazendo ao campo da arte uma contribuição mais importante do que a contribuição dos pesquisadores de Alexandria. Um dos estudiosos mais destacados de Pérgamo foi Crates de Malo, que chamou a atenção para leituras alegóricas e não apenas denotativas da obra de Homero.

O período **helenista-alexandrino** foi um tempo de muitas realizações na arte e na ciência. Se esse período não teve o grande destaque do **período clássico**, pode-se dizer que na ciência foi até mais importante. Quem já não ouviu falar na Geometria euclidiana? Pois bem, Euclides foi um professor de Geometria nascido em Alexandria em torno do ano 300 a.C.

Ver glossário no final da Aula

A VISÃO DIDÁTICA DE HORÁCIO

Outro destaque foi Horácio, cujo nome latino era Quintus Horatius Flaccus. Nascido no século I a.C., era um amante da literatura e um dos expoentes do pensamento grego. Foi o maior difusor das ideias de Platão na Europa. Como bom leitor da obra de Platão, recebeu dela as bases para o pensamento que organizou depois acerca da literatura. Sob a influência de Platão e de Aristóteles, fez uma reflexão sobre a literatura que é muito mais a continuação do pensamento do primeiro filósofo do que do segundo. Apesar de ser um conhecedor de ambos, a temática horaciana da literatura como instrumento prazeroso de ensino está calcada na visão pragmática, isto é, utilitária, de Platão.

Os aspectos técnicos organizacionais da obra já salientados em Aristóteles foram por Horácio interpretados segundo a concepção platônica, de modo que em sua teoria da literatura não havia lugar para o texto em si. A sua máxima "ensinar deleitando" o fez pensar em um código de regras que ensinasse a pessoa a fazer o texto literário de maneira mais eficaz. Como homem de letras, foi professor de literatura da família Pisão, para quem escreveu uma carta conhecida como *Epístola aos Pisões* dedicada ao cônsul romano Lúcio Pisão e aos seus filhos. Nessa carta, Horácio reúne uma série de preceitos que orientam o fazer literário. Poderíamos dizer que essa carta se constitui numa teoria da literatura organizada por ele. Não sem razão, **Quintiliano**, no século I d.C., deu-lhe o título de "Arte Poética". Vejamos algumas das lições de Horácio: 1 – o poeta só deve escolher um assunto que tenha condições de desenvolver; 2 – esse assunto deve ser exposto de forma ordenada de tal modo que o leitor possa compreendê-lo; 3 – durante a exposição, as ideias devem ser claras e objetivas; 4 – os assuntos que vão ser tratados devem passar por uma seleção para evitar repetição enfadonha e comprometedora da satisfação durante a leitura; 5 – a linguagem deve ser correta e elegante. Como se vê, o pensamento de Horácio não demonstra uma preocupação em tratar a natureza da obra, não demonstra interesse em refletir sobre o ser da literatura. A carta é um somatório de regras técnicas que visam à composição do texto poético.

Ver glossário no final da Aula

O enfoque sobre as partes constituintes do texto remetem à Poética de Aristóteles, entretanto, toda a orientação tem em vista fazer da literatura sempre um texto capaz de transmitir conhecimento, capaz de ensinar e ao mesmo tempo dar prazer. Com isso Horácio remete o texto literariomais para o carater político do que para o carater criativo. Daí se poder dizer que, embora tomando Aristóteles em vários aspectos da organização da obra, sua concepção geral colocava a literatura como instrumento de ensino, o que se encaixa na visão utilitária já presente em Platão. Para Horácio, a literatura era apenas um gênero textual que continha uma temática exposta de modo lógico e objetivo, em linguagem clara e elegante, fato que coloca a literatura mais do lado da retórica do que da poetica. Se considerarmos a teoria da literatura que conhecemos hoje, podemos dizer que Horácio foi apenas um professor de produção de texto para assuntos de poesia. Qualquer tema, desde que dominado pelo poeta e tratado de acordo com seus interesses, poderia ser considerado literatura.

A mistura de ideias que Horácio fez entre Platão e Aristóteles, com prejuízo para a essência do pensamento aristotélico, contribuiu para que este último não fosse alvo do devido interesse, quando os humanistas do Renascimento o retomaram em seus estudos. Aristóteles estava de tal modo conhecido através da leitura de Horácio – até poderíamos dizer, confundido com ele – , que não recebeu uma atenção maior dos novos pesquisadores no momento em que poderia ter recuperado a originalidade do seu pensamento.

A visão de Horácio acerca da literatura, ou seja, a visão da literatura com finalidade didática foi o suporte para o surgimento de outras concepções também utilitárias da literatura. É o que ocorre com a literatura moralista, que busca difundir ideias morais e religiosas como ocorre com **José de Anchieta** em seus poemas catequéticos; a literatura de auto-ajuda, que pretende orientar em atos de conduta; a literatura de formação espiritualista, que procura transmitir valores éticos vinculados à dimensão espiritual, a exemplo de **Zíbia Gaspareto**; a literatura politizada comprometida com o engajamento social e político, costumeiramente chamada de "literatura engajada", que vai nos caminhos de **Sartre**; a literatura filosófica de fundo ficcional e informativo de **Jostein Gaarder** etc.

Ver glossário no final da Aula

O PSICOLOGISMO DE LONGINO

Depois de muitos anos orientados pela visão prática e didática de Horácio, um vento novo começa a soprar sem que venha a ofuscar a penetração dos preceitos dele. São as ideias de Longino (séc. III d. C.), um grego de cuja história não se tem muita certeza. Há inclusive quem se refira a ele como o pseudo-Longino. A ele é atribuída a obra Do sublime na qual surge uma outra concepção de literatura. Ao se falar em "sublime", somos levados a um aspecto diferente do que se conhecia até então nos estudos de literatura: é a dimensão psicológica, é a consideração dos valores afetivos implicados na poesia, decorrentes não apenas das condições emotivas do autor, mas também das condições emotivas que a obra deve suscitar no leitor.

Essa novidade, contudo, não acrescentava muito ao que já acontecia na esteira do pensamento de Platão à medida que a tônica deste filósofo estava em justificar a literatura por fatores extraliterários como sociedade, política e religião. Agora a literatura está sendo vista pelo prisma das habilidades psíquicas nas quais o autor e o leitor estão sendo levados em consideração. Longino vincula a psicologia do autor – principalmente suas aptidões para criar um clima envolvente e atrair o leitor promovendo uma atmosfera semelhante ao que ele pretende – à qualidade da obra. Mais uma vez a literatura encontra-se à mercê de causas estranhas à sua condição de linguagem. A obra é avaliada pelo tipo de ideias expostas e pelos desdobramentos afetivos que essas ideias geram no leitor; pelo aspecto importante do assunto abordado; e, finalmente, pelas emoções e enlevos provocados na leitura. No autor é destacada, como valor indispensável, a capacidade de ter ideias suficientemente fortes para comover; a capacidade emocional e intelectual de mergulhar na situação que narra ou descreve; a habilidade para traduzir as ideias com emoção; a competência para elaborar um texto elegante, correto, belo, atraente e, assim, ser um texto de valor; a capacidade para elaborar linguagem figurada num estilo dinâmico e comovente. Para Longino, toda obra deve ser organizada de tal forma que produza emoções

fortes e boas no leitor e, nesse resultado, está a sua condição sublime. Então, o objetivo da literatura é emocionar, empolgar, enlevar.

OUTROS NOMES

Um terceiro nome é Sainte-Beuve (Charles Augustin de Sainte-Beuve) que viveu no século XIX. Sainte-Beuve dirigiu seu interesse para as relações entre a obra e o sujeito que a produziu. A importância que deu a essa relação era tão forte que, segundo ele, para se compreender a obra é necessário conhecer antes a vida do autor. Pode-se considerar nele uma certa preocupação com a cientificidade dos estudos críticos, mas é verdade também que nesses estudos nada remetia ao cerne do literário.

O mesmo vai acontecer com **Hyppólito Taine**, também um pensador do século XIX, que pautou seus estudos de literatura nas ideias positivistas. Ele tentou compreender a obra a partir das condições do meio, do momento e da raça. Enquanto Sainte-Beuve se volta para o artista e suas circunstâncias pessoais, Taine tem um olhar mais abrangente, situando-o em sua raça e nas circunstâncias da sociedade em que vive.

Ver glossário no final da Aula

Outros pesquisadores continuaram o pensamento de Platão; não o pensamento literal, mas a base do que o norteou, que era considerar a arte não em sua dimensão ontológica, mas em seu uso para os interesses político-sociais, portanto, não literários.

Só com a chegada dos estudos sobre estética formulados por Kant, Hegel, e outros mais é que a teoria aristotélica da literatura veio a ser compreendida e valorizada.

CONCLUSÃO

O pensamento de Platão, vindo do século IV a.C., espalhou-se pelo ocidente e chegou até nós. Portanto, não é algo do passado, mas do presente através das várias linhas de pensamento que veem a literatura como um dado social – que realmente é – mas que só se justifica pela aplicação de suas representações à sociedade. Será que essa visão existe entre nós apenas porque Platão a formulou? Não. Tanto Platão como os demais pensadores posteriores deixaram-se levar pelo mais simples e pelo mais evidente da literatura como lugar de uma história, ou como lugar de expressão de um sentimento. Em suas concepções teóricas, deixaram-se levar pelo uso da literatura nas atividades políticas, religiosas ou educativas. Tomaram um uso possível das obras como a razão de ser da literatura. E não podemos dizer que era cedo para que os antigos se dessem conta do aspecto literário das obras independentemente da utilização que pudesse ser feita dela.

Aristóteles, como vamos ver na próxima aula, já tinha chamado a atenção para as condições literárias da poesia (da literatura). Se suas ideias não vingaram foi porque, dentre outros fatores, elas se reportavam ao interior do

texto poético e não para as significações mais fáceis de serem apreendidas, ou seja, aquelas que apresentavam a literatura como um espelho da vida, que poderiam ser utilizadas em finalidades práticas da própria vida. Embora, no século XX, essa **especularidade** tenha sido revelada como falsa, aos olhos do leigo nos estudos literários ela ainda é fonte de equivocos ainda hoje. Juntando essa "semelhança" da literatura com a vida e o fato de que ela é fonte de conhecimento, não é difícil compreender a insistência de alguns em sua função utilitária.

Ver glossário no final da Aula

RESUMO

• Os retóricos alexandrinos procuravam estudar no texto literário os fenômenos linguísticos que o caracterizavam. Em muitos casos corrigiam esses textos gramaticalmente e retiravam deles acréscimos que alguns tradutores lhe tinham feito em trabalhos anteriores. Pode-se dizer que o trabalho dos alexandrinos foi mais de ordem filológica e retórica do que de ordem estética.
• Já os pesquisadores de Pérgamo, em suas pesquisas, foram além do caráter gramatical e retórico dos textos. Eles se voltaram também para os aspectos literário, artístico e filosófico e, com isso, sua contribuição para os estudos literários foi maior do que a dos alexandrinos.
• A base do pensamento de Horácio (séc. I a. C.) era a ideia de que o papel da literatura era ensinar, transmitir conhecimento e, já que ela se faz pela linguagem com seus recursos de encantamento poético e retórico, pode prestar esse serviço de maneira agradável. Por isso sua tese maior é: "Ensinar deleitando" (Docere cum delectare).
• Horácio em suas regras de orientação sobre a organização da obra literária tomou várias ideias de Aristóteles, mas não desenvolveu seu pensamento a partir delas. Pelo contrário, manteve-se na linha de Platão ao explicar a literatura através do seu uso prático no social. Dessa forma ele prejudicou a divulgação do verdadeiro Aristóteles, que ficou recolhida até chegarem os estudos de estética com Kant e logo depois Hegel (1770-1831). Outros se seguiram.
• A Longino (séc. III d. C.) é atribuída a obra Do sublime. Nela o valor da literatura está no potencial do texto para emocionar e enlevar o leitor. Do lado do escritor, as qualidades louváveis estão em sua capacidade de ter ideias suficientemente fortes para comover e em sua capacidade de elaborar um texto elegante, correto e com uma temática voltada para o importante, o grandioso, para o sublime.
• Em Longino, toda obra deve ser feita com a competência necessária para emocionar. É a justificativa da obra pela via da psicologia humana. Ou a obra produz efeitos emotivos fortes ou é desprovida de qualidade por lhe faltarem uma dos condições importantes do sublime.

ATIVIDADES

Com essa aula, mesmo tratando-se de continuadores das ideias de Platão, ficamos diante de posições teóricas diferentes sobre a literatura. A três delas foi dado um destaque maior: a dos alexandrinos, a de Horácio e a de Longino. Faça uma tabela com três colunas, dedicando uma coluna para cada um dos pensadores e relacione, paralelamente, cinco pontos de diferença entre eles que você considera importantes para ter segurança sobre as particularidades do pensamento de cada um.

Faça esse trabalho com bastante cuidado, porque ele será muito importante para a tarefa da próxima aula.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se de que os trabalhos dos alexandrinos não se ocupavam da estética; que Horácio apoia-se tamtém em conceitos aristotélicos mas teve como pano de fundo de seu pensamento as ideias de Platão; e que Longino defendia a ideia de que a literatura devia emocionar o leitor através dos recursos estilísticos.

PRÓXIMA AULA

Mais adiante, você conhecerá a concepção de Aristóteles sobre a literatura.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo, Cultrix, 1994.

GONÇALVES, Magaly Trindade, BELLODI, Zina C. **Teoria da literatura "revisitada"**. 2. Ed, Petrópolis: Vozes, 2005.

WILLIAM JR., K. Wimsatt; BROOKS, Cleanth. **Crítica literária**: breve história. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1971.

GLÓSSARIO

Horácio: Poeta romano do século I a.C. Escreveu a Arte Poética (Epístola aos Pisões). Juntamente com A Poética de Aristóteles, foi considerada uma das principais referências da teoria da literatura até o Renascimento.

Período helenista: É considerado como o momento de transição entre o apogeu da cultura grega, o período clássico, e a implantação da cultura romana. Este é o período compreendido entre a morte de Alexandre (século IV a.C.) e a tomada da Grécia pelos romanos (século II a.C.). O helenismo: é a difusão cultural do pensamento grego em regiões fora da grécia. Essa cultura grega se manifestava nas artes, na literatura, na política, na filosofia, entre outras coisas.

Período clássico: O período clássico grego é compreendido entre os séculos VI e IV a.C. É a época em que se desenvolve o imperialismo, primeiramente de Atenas, depois de Esparta e, por último, de Tebas. O século V a.C. foi considerado o "Século de Ouro" ou "Século de Péricles", principalmente em Atenas. Foi a época gloriosa da democracia. Paradoxalmente, esse século foi vivido com muitas guerras que acabaram destruindo sucessivamente o imperialismo das três cidades.

Quintiliano: Professor de oratória, nascido na Espanha, no século I d.C.. Escreveu o livro mais importante de retórica da antiguidade greco-romana: Instituição oratória. Essa obra teve uma grande repercussão na Idade Média e no Renascimento, juntamente com A poética de Aristóteles e a Arte poética de Horácio.

José de Anchieta: O mais importante dos jesuítas que estiveram no Brasil, Anchieta (1534-1597) nasceu em Tenerife, Ilhas Canárias. Ingressou na Companhia de Jesus em 1551. Veio para o Brasil em 1553, na comitiva de Duarte da Costa. Escreveu Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil, primeira gramática da língua tupi-guarani.

Zíbia Gaspareto: Escritora espírita, autora de diversos livros psicografados. Seus romances têm obtido grande sucesso de vendas. Publicou Sem Medo de Viver, Laços Eternos, Quando a Vida Escolhe e A Verdade de Cada Um.

Jean-Paul Sartre: Novelista e teatrólogo francês (1905-1980). Maior intelectual do Existencialismo, filosofia que proclama a total liberdade do ser humano. Publicou O Ser e o Nada (1943) e O existencialismo é um Humanismo (1946). Em 1964, foi premiado com o Nobel de literatura, mas recusou o prêmio.

Jostein Gaarder: Filósofo e escritor norueguês (1952). Consagrou-se internacionalmente com a publicação de O mundo de Sofia (1991).

Hyppólito Taine: Historiador francês (1828-1873). Considerado o maior positivista francês, depois de Comte. Publicou De l'intelligence, entre vários outros livros.

Hegel: Filósofo alemão (1770- 1831). Dedicou estudos também à estética. Para ele, o objetivo da arte é utilizar a força criadora do espírito; é também revelar a verdade de modo sensível. Hegel classifica o Belo de duas formas: o "belo natural" e o "belo artístico". O belo artístico é o resultado de uma elaboração do espírito, por isso está relacionado com a verdade, que só pode ser obtida através do espírito. Essa é a razão pela qual ele considera o belo artístico mais importante do que o belo natural, que depende das condições de ânimo do observador.

Especularidade: Refere-se a especular, que por sua vez diz respeito a espelho, que tem a capacidade de refletir a imagem.